

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

NATHÁLIA SILVA FLORIANO

**BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO REMOTO:
ALGUMAS (IM)POSSIBILIDADES**

UBERLÂNDIA

2022

NATHÁLIA SILVA FLORIANO

**BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO REMOTO:
ALGUMAS (IM)POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU), como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Myrtes Dias da Cunha

UBERLÂNDIA

2022

NATHÁLIA SILVA FLORIANO

**BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO REMOTO:
ALGUMAS (IM)POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU), como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa.Dra. Myrtes Dias da Cunha – Orientadora
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Profa. Dra. Paula Amaral Faria– Membro Interno
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Profa. Dra. Tatiani Rabelo Lapa Santos – Membro Interno
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Dedico este trabalho à minha família, que sempre me incentivou nos estudos e me apoiou em todas as escolhas.

AGRADECIMENTOS

Com muita gratidão, encerro essa etapa bastante complexa, mas com muitos estudos e dedicação. Nos últimos dois anos, passamos por diversas situações inesperadas com a chegada da pandemia da *CoronavirusDisease*– Doença do Novo Coronavírus (COVID-19) em nossas vidas. Apesar de ainda estar entre nós, as vacinas ajudaram a amenizar as jornadas difíceis atravessadas nesse contexto.

O desenvolvimento do presente trabalho foi possível por intermédio de várias pessoas importantes que estiveram ao meu lado durante o processo de pesquisa. Agradeço primeiramente à minha orientadora maravilhosa, que sempre acreditou no meu potencial, que teve paciência em auxiliar nos meus estudos com e-mails, ligações telefônicas e áudios longos – foi ela que me fez acreditar que era possível realizar um trabalho interessante, mesmo passando por diversas dificuldades. Myrtes teve uma paciência enorme, sempre corrigiu meus textos e deu dicas que irei guardar para a vida toda.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Linguagens e Infâncias (GEPLI), coordenado pelas Profas. Dras. Fernanda Araújo e Camila Pessoa; e ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias, Docências e Cotidiano Escolar (GEPIDCE), coordenado pela Profa. Dra. Myrtes Dias da Cunha. Nos encontros, estudamos temas e conceitos fundamentais para a escrita deste trabalho.

À minha família, em especial à minha mãe, Eliana, ao meu pai, Vanderlei, ao meu irmão, Miguel e à minha avó, Divina, por sempre me apoiarem em todas as escolhas da faculdade, terem entendido o meu gosto por estudar e reconhecido o meu esforço para construir este trabalho. Também agradeço às minhas primas, Maysa e Thayane, por estarem presentes e me auxiliarem nas etapas da faculdade e na finalização desta pesquisa.

Aos meus fiéis amigos que passaram diversos “perrengues” cotidianos comigo. Eu os agradeço não apenas por resistirem às dificuldades, mas, principalmente, pelos momentos de alegria e risadas – sem essa galerinha, seria impossível chegar a essa finalização com parceria, estudo e conversas longas. Obrigada por tudo que fizeram por mim! Jordanna, Renata, Gabriela, Juliana e Nicolas, vocês são pessoas que guardarei no meu coração para sempre!

“A brincadeira da criança, antes e fora da escola é compreendida por muitos como ‘perder tempo”, mas, pode ser entendida como perde-se no tempo, é encontrar com o mundo em uma relação emocionante, cheia de mistério, risco e aventuras”.

Francesco Tonucci

FLORIANO, Nathália Silva. **Brincadeiras na Educação Infantil no ensino remoto: algumas (im)possibilidades**. 2022. p.48 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma pesquisa desenvolvida em quatro turmas de primeiros e segundos períodos da Educação Infantil com crianças de 3 a 5 anos de idade de uma escola federal de educação básica (ESEBA) da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, cujas atividades na brinquedoteca são parte integrante de seu currículo. O intuito desta pesquisa foi conhecer e analisar as brincadeiras realizadas nas brinquedotecas na Educação Infantil, assim como verificar a participação das crianças na construção e escolha das brincadeiras e o era o tempo para brincar na escola. Efetuamos observações participantes dos encontros da professora responsável pela brinquedoteca com o público-alvo da Educação Infantil, no período de maio a setembro de 2021 – momento em que a escola funcionou com o ensino remoto –, e produzimos notas de campo para registrar tais reuniões. As análises abordaram quatro questionamentos fundamentais sobre as atividades: tipos promovidos na brinquedoteca com as turmas de crianças na Educação Infantil e no ensino remoto; formas; sujeitos proponentes e objetivos. De acordo com a presente investigação, concluímos que o trabalho realizado na brinquedoteca, em se tratando do período de ensino remoto, não promoveu brincadeiras e aconteceram encontros remotos entre a professora e as turmas de crianças que se assemelharam com aulas, são mais ou menos interativos e envolvem mais ou menos diálogos e participação das crianças. Vale ressaltar que o tempo destinado a tais atividades também foi reduzido, com duração de 30 minutos, de 15 em 15 dias para cada turma.

Palavras-chave: Crianças; Brincadeiras; Educação Infantil.

FLORIANO, Nathália Silva. **Plays in Early Childhood Education in remote teaching: some (im)possibilities**. 2022. p.48 Course Conclusion Work (Degree in Pedagogy) – Faculty of Education of Federal University of Uberlândia, Uberlândia, 2022.

ABSTRACT

The present work presents a research developed in four groups of Early Childhood Education of a federal school of basic education in the city of Uberlândia, Minas Gerais, Brazil, whose activities in the toy library are an integral part of its curriculum. The purpose of this research was to know and analyze the games performed in the toy libraries in Early Childhood Education, as well as to verify the participation of children in the construction and choice of games and what was the time to play at school. We carried out participant observations of the meetings of the teacher responsible for the toy library with the target audience of Early Childhood Education, from May to September 2021 – when the school worked with remote teaching –, and produced field notes to record such meetings. The analyzes addressed four fundamental questions about the activities: types promoted in the toy library with groups of children in Early Childhood Education and remote teaching; shapes; proposing subjects; and goals. According to the present investigation, we concluded that the work carried out in the toy library, in terms of the period of remote teaching, did not promote games and remote meetings took place between the teacher and the groups of children, that resembled classes, are more or less interactive and involve more or less children's dialogue and participation. It is worth mentioning that the time allocated to such activities was also reduced, lasting 30 minutes, every 15 days for each class.

Keywords: Children; Plays; Early Childhood Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPEd	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	<i>CoronavirusDisease</i> (Doença do Novo Coronavírus)
ESEBA	Escola de Educação Básica
FACED	Faculdade da Educação
GEPDICE	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Docências, Infâncias e Cotidiano Escolar
GEPLI	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Linguagens e Infâncias
GT	Grupo de Trabalho
LabInB	Laboratório Infâncias e Brincadeiras
PCE-EI	Parâmetros Curriculares Educacionais – Educação Infantil
PPP	Projeto Político-Pedagógico
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3 METODOLOGIA	18
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	19
4.1 TIPOS DE ATIVIDADES PROMOVIDAS NA BRINQUEDOTECA COM ASTURMAS DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO REMOTO.....	19
4.2 FORMATO DAS ATIVIDADES	27
4.3SUJEITOS PROPONENTES	32
4.4OBJETIVOS	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICES	40

1 INTRODUÇÃO

A partir de experiências com crianças durante o estágio supervisionado do curso de Pedagogia busquei desenvolver esta pesquisa para aprofundar minha compreensão sobre brincadeiras infantis. Nos estágios que realizei a brincadeira era vista, na maioria das situações, como passatempo, atividade “tapa-buraco” ou atividade pré-determinada pelas professoras para as crianças aceitarem realizar outras tarefas no decorrer da aulas.

Devido à curiosidade em obter informações acerca da importância das brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem nas escolas, buscamos desenvolver esta investigação, com base nos seguintes questionamentos: quais tempo e espaço são ocupados pelas brincadeiras na escola de Educação Infantil? Como as brincadeiras na escola são escolhidas? As crianças opinam sobre as brincadeiras realizadas?

Diante disso, a presente pesquisa se materializou com o intuito de compreender as situações vivenciadas no cotidiano da brinquedoteca de uma escola federal de Educação Infantil. Tencionamos entender como acontece o processo de brincar na brinquedoteca no período em que se utilizou o ensino remoto, em virtude da suspensão das atividades escolares presenciais causadas pela pandemia da *CoronavirusDisease*– Doença do Novo Corona vírus (COVID-19).

Brincar vai além do ato das crianças em correr e gritar ou desenvolver atividades determinadas por docentes, com um sentido lógico e afetivo para as aprendizagens e o desenvolvimento cultural, o que permite a elas compreenderem significados e construir sentidos sobre a realidade em que se inserem e sobre si mesmas. É importante questionar sobre formas utilizadas pelas escolas no tocante às brincadeiras, por exemplo, quando deixam as crianças brincarem para as professoras descansarem ou como recompensa pelo aprendizado de conteúdos, um comportamento adequado ou como meio para ensinar conteúdos. Dessa maneira, as atividades lúdicas se transformam em moeda de troca com as crianças ou são reduzidas a um mero recurso pedagógico.

Esta pesquisa se justifica também pelo fato de a maioria dos textos analisados no levantamento bibliográfico não abordar diretamente a questão do tempo e do lugar das brincadeiras na Educação Infantil. Em geral, eles reafirmam a importância das atividades lúdicas e apresentam o motivo dessa relevância para as crianças no referido nível de ensino, o seu lugar no processo educativo, a opinião dos docentes sobre as atividades, a relação entre professor e aluno e as diversas brincadeiras realizadas. Apesar de as brincadeiras auxiliarem as crianças a desenvolver diversas percepções e sentidos para as próprias vivências e de elas

criarem e imaginarem para adquirir muitos aprendizados, nosso questionamento principal – discutir o tempo e o lugar das brincadeiras na Educação Infantil – não foi respondido pelos trabalhos analisados.

Tais motivos nos angustiaram e nos motivaram a pesquisar sobre o assunto, como informado anteriormente. Acreditamos que as brincadeiras são imprescindíveis para as crianças, mas os professores, apesar dos quatro anos de graduação, muitas vezes não conseguem enxergar brincadeira como direito da criança e, tampouco, promovem o brincar como atividade lúdica. A criança tem o direito de aprender a ler e a escrever, mas, para isso acontecer, são necessárias atividades direcionadas à inclusão de todas nesse processo e à interação com as tarefas da escola.

Na Educação Infantil, o processo de ensino-aprendizagem não pode ser construído com carteiras enfileiradas, um professor que explica conteúdos e exige das crianças a memorização dos aspectos apresentados. A escola desse nível educacional é um lugar onde muitas crianças passam a maior parte do seu tempo no dia; então, deveria ser acolhedora, divertida e alegre, com vistas a estimulá-las a ficar no local, com bastante espaço e tempo para brincar e aprender.

Com a finalidade de estudar as brincadeiras com crianças na Educação Infantil, em 2020 efetuamos o levantamento bibliográfico sobre o assunto nos *websites* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com foco nas dissertações elaboradas de 2016 a 2018, e da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), nos anos de 2016 e 2017 – esse levantamento nos ajudou a formular o problema de pesquisa. Em março de 2020, com a suspensão do ensino presencial nas escolas da cidade, precisamos repensar a maneira de realização deste estudo; assim, elaboramos um projeto de pesquisa para ser desenvolvido de modo presencial nas instituições de Educação Infantil. Como a pandemia levou à indisponibilização de aulas presenciais, alteramos nosso projeto para desenvolvê-lo mesmo com a adesão das escolas ao ensino remoto.

Pelo fato de a pandemia ter prosseguido e haver a necessidade de colocar o projeto em prática, buscamos redefinir a pesquisa para continuar com o trabalho no contexto pandêmico, o que nos impôs inúmeras restrições, especialmente a proibição de interações presenciais, aspecto primordial para as brincadeiras infantis. O tema da pesquisa continuou com base nas brincadeiras na Educação Infantil, mas no contexto do ensino remoto, em que mantivemos aspectos do projeto de 2020 e modificamos a metodologia da pesquisa a ser desenvolvida por meio da observação participante com crianças e professoras nas escolas do referido nível de ensino. Por conseguinte, nossos questionamentos se desdobraram da seguinte forma: qual o

lugar e o tempo das brincadeiras na Educação Infantil? Quais tipos de brincadeiras acontecem nesse nível educacional? Como elas acontecem? Quem as propõem? Quais são os objetivos de tais atividades no referido contexto?

De acordo com os questionamentos supracitados, fizemos contato com a docente responsável pela brinquedoteca da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA/UFU) e ela nos autorizou a acompanhar o trabalho realizado com quatro turmas de primeiro e segundo períodos da Educação Infantil. Participamos dos encontros remotos com esses grupos de maio a setembro de 2021 e, a partir das observações, produzimos 27 notas de campo. Estas serviram para registrar e descrever os encontros das crianças com a docente responsável pela brinquedoteca, além de terem nossas percepções fundamentadas na teoria investigada anteriormente.

Os objetivos geral e específicos se originam dos questionamentos apresentados acima, em que visamos conhecer e analisar como acontecem as brincadeiras na Educação Infantil, no período de suspensão do ensino presencial motivado pela pandemia da covid-19. Para isso, buscamos identificar o tempo e o lugar destinados às brincadeiras na Educação Infantil, em se tratando do esquema de ensino remoto; conhecer os tipos de brincadeiras; como essas atividades são promovidas; quem as formula; e quais os objetivos de tais ações.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para o desenvolvimento deste estudo, realizamos uma pesquisa bibliográfica e encontramos trabalhos e pesquisadores que nos ajudaram a compreender a relação entre crianças e brincadeiras. Convém salientar que o começo das investigações científicas requer refinamentos sob tal perspectiva de estudo e apresentar conceitos essenciais para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Inicialmente refletimos acerca de possíveis temas a serem aprofundados, como a brincadeira na sala de aula e a socialização no ambiente escolar; e infância: o brincar como reação emocional. Ambos foram pensados com base nas vivências com a participação no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Docências, Infâncias e Cotidiano Escolar da Faculdade de Educação (GEPDICE/FACED) da UFU, que se reunia no Laboratório Infâncias e Brincadeiras (LabInB) do curso de Pedagogia da referida instituição. Tais assuntos se fundamentaram nas discussões realizadas nos encontros e conforme a nossa intenção de aprofundar os estudos acerca da relação entre crianças e brincadeiras e de ações voltadas à inclusão escolar.

Também refletimos sobre dois textos (LUNA, 1997; NÓVOA, 2015) que discutiam sobre como fazer um projeto ou um planejamento para a pesquisa – o primeiro abordava elementos da investigação científica, enquanto o outro ensinava sobre as partes importantes desse tipo de estudo. Vale ressaltar que, na pesquisa acadêmica, é necessário formular um problema a ser pesquisado, o que nos ajuda em questionamentos sobre o objeto de estudo e sua relação com o contexto social. Compreendemos que, na pesquisa, o pesquisador irá desenvolver um programa de investigação com base em determinado problema e se empenhará na produção de respostas para o problema formulado.

Com as primeiras leituras relativas às temáticas iniciais, pensávamos em desenvolver uma pesquisa com crianças para analisar as vivências com brincadeiras individuais. Como podem ocorrer mudanças, nosso trabalho passou por diversas modificações, mas mantivemos, desde o início até o fim, o interesse por trabalhar com (ou sobre) crianças e brincadeiras.

Após algumas conversas no Gepdice e com a orientadora sobre questionamentos para serem abordados na investigação, decidimos aprimorar os estudos relativos ao potencial educativo das brincadeiras na Educação Infantil. Ensejávamos compreender como as crianças brincam e elas possuem um tempo direcionado para brincadeiras no referido nível de ensino; então, direcionamos a pesquisa a esse contexto. Em seguida, iniciamos a pesquisa

bibliográfica para efetuar um levantamento teórico e conceitual relativo aos temas de nosso interesse.

Então, realizamos um levantamento bibliográfico sobre brincadeiras e crianças conforme os trabalhos apresentados da ANPEde anos de 2017 e 2018 e as dissertações registradas no *website* da Capes em 2016 a 2018. Limitamo-nos a essa temporalidade por serem anos anteriores a 2020, momento em que sistematicamente iniciamos a presente pesquisa.

A fim de selecionar textos sobre possibilidades educativas das brincadeiras para as crianças da Educação Infantil, selecionamos três Grupos de Trabalho (GTs) no *website* da ANPEde utilizamos as palavras-chave “brincadeiras” e “crianças”: GT7 – educação de crianças de zero a seis anos; GT14 – sociologia da educação; GT24 – educação e arte. A partir disso, encontramos 11 textos para serem analisados (Apêndice 1), os quais foram lidos na íntegra, a fim de compreender os aspectos atinentes às brincadeiras na Educação Infantil.

No *website* da Capes, fizemos a busca de acordo com a expressão-chave “brincadeiras na educação infantil”. Primeiramente, obtivemos 135.560 trabalhos e analisamos os títulos relativos aos nossos estudos – não realizamos a leitura desses textos, pois apenas os examinamos e escolhemos nove dissertações de mestrado que abordavam no título as palavras “brincadeiras” e “crianças”, das quais oito foram lidas e analisadas de fato (Apêndice 2). Uma dissertação foi excluída da análise porque, apesar de mencionar crianças e brincadeiras no título, o texto em si não apresentava os tópicos concernentes aos nosso interesse.

Em uma observação geral dos trabalhos obtidos no levantamento bibliográfico, consideramos que eles abordam o papel da brincadeira na escola e na vida das crianças, como Freitas (2016), Bom (2017) e Guimarães (2017); Palmeira (2018) discute a relação entre professor e aluno; Campos (2017) cita diversas brincadeiras que podem ser desenvolvidas com as crianças dentro e fora da sala de aula; Razuk (2018) salienta a reação dos educandos às brincadeiras; e Sartori (2016), Bom (2017), Leal (2017), Rivero e Rocha (2017) elencam aspectos da rotina das crianças na escola. Tais pesquisas demonstram que, na brincadeira, as crianças aprendem, imaginam, fantasiam e começam a criar percepções sobre coisas e pessoas que os rodeiam, além de compreenderem significados produzidos pelo brincar em relação a princípios que organizam a vida em comum. Também indicam que a escola pode se tornar um lugar onde trocam experiências e constituem amizades; logo, elas reaplicam situações vivenciadas em casa por meio das brincadeiras (FREITAS, 2016; OLIVEIRA, 2016; CAMPOS, 2017).

Os trabalhos analisados expõem conceitos imprescindíveis para compreender aspectos relativos ao nosso estudo: “crianças” e “processos educativos” (SARTORI, 2016); “escola” e “formação de professores” (OLIVEIRA, 2016); “jogo protagonizado”, “infância” e “arte” (BOM, 2017); “brincar” (LEAL, 2017); “estudos sociais da infância” (RIVERO; ROCHA, 2017); “Educação Infantil” e “brincadeiras” (PALMEIRA, 2018); e “linguagem”, “docência”, “creche” e “bebês” (RAZUK, 2018). Todavia, não encontramos pesquisas relacionadas ao tempo das brincadeiras nas escolas de Educação Infantil.

Nesse contexto, decidimos aprofundar os estudos sobre o tema, com vistas a entender o tempo direcionado às atividades lúdicas nessas instituições. Buscamos compreender se esse período é pensado e planejado, além de verificar como a professora realiza o planejamento ou se a brincadeira é apenas uma forma de presentear ou punir as crianças por bons comportamentos. Normalmente, o momento destinado às brincadeiras nos estabelecimentos de ensino é totalmente cronometrado e, muitas vezes, controlado pelas professoras. Os pais das crianças também exigem o ensino tradicional – nesse caso, as brincadeiras são relegadas a um segundo plano, visto que as famílias reforçam a ideia de que a escola é um local para estudos (COSTA, 2019).

Costa (2019) e Campos (2017) abordam a importância de a escola disponibilizar mais tempo livre para as crianças brincarem, indicam que o tempo precisa ser menos cronometrado e que o brincar é um processo importante para o desenvolvimento infantil, assim como as outras atividades das escolas.

Outras pesquisas sublinham que as brincadeiras são imprescindíveis para o desenvolvimento das crianças, sobretudo em relação a comportamentos como saber partilhar, se comunicar e se expressar, ao se tornarem mais independentes e críticas, mas, como dito anteriormente, as escolas consideram as brincadeiras um passatempo, tapa-buraco ou complemento de outras atividades consideradas importantes (FREITAS, 2016; GUIMARÃES, 2017; LEAL, 2017; OLIVEIRA, 2016; PALMEIRA, 2018). Acreditamos que as brincadeiras precisam ser mais valorizadas na Educação Infantil, com maior quantidade e, principalmente, qualidade de tempo.

De acordo com a pesquisa bibliográfica que fundamenta a presente pesquisa, formulamos os seguintes questionamentos a serem investigados:

- Qual o lugar e o tempo das brincadeiras na escola de Educação Infantil?
- Quais tipos de brincadeiras acontecem nesse nível de ensino?
- Como elas acontecem?

- Quem as propõem?
- Quais os objetivos das brincadeiras nesse contexto?
- O que as professoras dizem sobre as brincadeiras?
- O que as professoras dizem sobre a relação entre educação de crianças e brincadeiras?
- O que é a brincadeira e por qual motivo é importante para as crianças nas instituições escolares?

Em virtude da pandemia da covid-19 e da suspensão do ensino presencial no município de Uberlândia, Minas Gerais, desde março de 2020 até o final de 2021, nosso trabalho precisou ser reorganizado. Voltamos para o ensino remoto e as aulas *on-line*, como dito anteriormente, e, com isso, houve dificuldades para o desenvolvimento da pesquisa, conforme os questionamentos apresentados. Diante dos contratemplos, focamos em quatro questões: como as brincadeiras acontecem? Quais tipos de brincadeiras são realizados? Quem propõe as brincadeiras? Quais são os objetivos dessas atividades?

Realizar uma pesquisa sobre crianças e brincadeiras no ensino remoto foi desafiador, porque encontrar trabalhos no âmbito da brinquedoteca e relacionados a esse período era quase impossível, apesar de a Eseba desenvolver atividades nesse setor da Educação Infantil. A docente responsável pela brinquedoteca autorizou a participação, durante o trabalho remoto, com o primeiro e o segundo períodos e, então, começamos a acompanhar os encontros *on-line* com essas turmas.

Como informado, a instituição onde foi desenvolvida a pesquisa é a Eseba, onde fomos acolhidas pela docente que atuava na brinquedoteca. Essa escola federal contempla a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, com o desenvolvimento de um trabalho de ensino inclusivo e gratuito, sendo vedada a cobrança de contribuições financeiras ou taxas de matrícula, custeio de material didático, dentre outras cobranças. Tal estabelecimento escolar é uma grande referência de ensino na cidade, devido à forma de atuação.

Obtivemos acesso à professora da brinquedoteca da escola em uma palestra realizada por ela sobre o trabalho desenvolvido com as turmas da Educação Infantil. Então, após constatarmos que ela atuava na brinquedoteca da Eseba, entramos em contato com ela para obter mais informações sobre o processo de ensino desenvolvido na instituição no momento da pandemia. Ao concordar com a nossa participação nos encontros com as crianças, estivemos presentes nas aulas *on-line* de duas turmas do primeiro e outras duas do segundo período durante alguns meses (maio a setembro de 2021), no âmbito da brinquedoteca, cujos

registros foram realizados em 27 notas de campo. Nesse caso, observamos a dinâmica das aulas interligadas aos quatro questionamentos da pesquisa.

Além dos estudiosos citados anteriormente, fizemos leituras de alguns textos que abordam questões como brincadeiras, crianças, Educação Infantil e práticas pedagógicas. As obras foram elaboradas por autores como Santos e Inforsato (1994), Brougère(2000),Barbosa(2009), Oliveira (2009) e Tonucci (2020).Realizamos as leituras do Projeto Político-Pedagógico(PPP)da Eseba (UFU, 2018-2019), para entendermos o processo de ensino-aprendizagem na escola; e dos Parâmetros Curriculares Educacionais da Educação Infantil (PCE-EI) da referida instituição (UFU, 2020) para compreendermos a realização do ensino com as crianças e o papel da brinquedoteca no projeto da escola.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa buscou ampliar informações sobre o tempo e o lugar do brincar, as crianças e as brincadeiras na Educação Infantil. Foi realizada com crianças de quatro turmas da Educação Infantil com idades de 3 a 5 anos, de 1º e 2º períodos e uma docente responsável pela brinquedoteca da Eseba.

Para desenvolver nossa investigação, buscamos escolas que trabalhassem com alguma atividade relacionada às brincadeiras infantis no contexto da pandemia e escolhemos a Eseba. Mediante a situação atual, tal instituição continuou com o desenvolvimento de atividades remotas relacionadas à brincadeira. Nesse contexto, descobrimos que a instituição possui um componente curricular denominado “brinquedoteca”, em uma palestra da professora responsável por esse setor da escola, onde desenvolve um trabalho de extrema importância com o primeiro e o segundo períodos da Educação Infantil.

Antes de iniciarmos a participação nas aulas remotas da referida docente, enviamos um projeto para entender a proposta de trabalho. Diante da resposta positiva em relação às participações nos encontros com as crianças, de maio a setembro de 2021, fizemos parte das aulas de 30 minutos para as quatro turmas de Educação Infantil na plataforma Microsoft Teams. Às segundas-feiras, a professora trabalhava com duas salas; logo, as atividades remotas eram realizadas de 15 em 15 dias e de duas em duas turmas.

Escrevemos 27 notas de campo para registrar as observações dos encontros entre a professora e as turmas da Educação Infantil. Estudamos o PPP(UFU, 2018-2019) e os PCE-EI(2020) da Eseba para conhecermos o posicionamento da instituição sobre as brincadeiras infantis e a brinquedoteca. Em nenhum deles encontramos aspectos relativos a esses tópicos, e sim considerações sobre elementos que abordam o ensino em si.

As notas de campo se destinam a analisar os seguintes pontos: tipos de brincadeiras realizadas, como aconteciam, quem as propunha e os objetivos dessas atividades. Além disso, para cada aula em que participamos às segundas-feiras, anotamos as percepções sobre as ações das crianças e possíveis sugestões acerca da participação delas nas atividades remotas. Convém salientar a relevância das observações relativas ao comportamento das crianças e ao trabalho da professora com elas no ensino remoto, mas consideramos ter sido um grande desafio educacional para ela promover as brincadeiras nesse contexto.

Apesar dessas situações, conseguimos desempenhar um trabalho de pesquisa e análise consistente, com a participação nas aulas da brinquedoteca. Encontramos informações que

auxiliaram sobre maneira no processo de escrita deste trabalho, ao relacionarmos autores, textos e nossos conhecimentos sobre as brincadeiras na Educação Infantil.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos experiências com a brinquedoteca no ensino remoto e na Educação Infantil. Abordaremos quatro questões: tipos de atividades promovidas na brinquedoteca com turmas de crianças na Educação Infantil no ensino remoto; como as atividades nesse contexto; quem propõe as brincadeiras para as turmas; e objetivos das atividades.

4.1 TIPOS DE ATIVIDADES PROMOVIDAS NA BRINQUEDOTECA COM AS TURMAS DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENSINO REMOTO

A primeira constatação de nosso trabalho demonstra que as atividades praticadas no ensino remoto, de acordo com as turmas em que realizamos a pesquisa, são aulas com ênfase no diálogo com as crianças, especialmente a partir de atividades propostas pela docente. Quando defendemos as brincadeiras na Educação Infantil, isso se deve à possibilidade de aprender e compartilhar significados nas experiências vividas e, a partir disso, construir ações singulares e sentimentos próprios. Segundo Brougère (2000, p.13), o brincar e a brincadeira não podem “ser associados com uma função precisa e específica: o brincar é, antes de tudo, um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionado a regras ou a princípios de utilização restritas”. Nesse sentido, o principal fundamento dos brinquedos e das brincadeiras corresponde à ação livre das crianças.

De fato, as atividades realizadas durante as aulas da brinquedoteca decorriam de ações pré-determinadas e planejadas com base nos dizeres e interesses das crianças. Brincadeiras se relacionam com a troca, interação e criação, mas, nas atividades ocorridas na brinquedoteca analisada, era difícil observar algum momento de troca das crianças, pois, além da falta de tempo, estava destinado o que devia ser realizado em cada aula; então, os alunos interagiam com a professora, mas, entre si, esse momento não acontecia e poucas atividades remetiam ao criar. Um exemplo disso é a brincadeira de desenhar os sons, cujo objetivo é, a partir do que escutavam, ilustrar a forma como compreendiam aquele som, ao traçarem não o desenho do que ouviram, mas a estrutura por meio de rabisco e linhas nas criações. Após a escuta, faziam um desenho para mostrar suas produções.

Diante da brevidade dos encontros *on-line*, quando a docente tentava realizar algum momento de troca de desenhos entre as crianças, era encerrada a aula, o que dificultava a troca das crianças entre elas;por conseguinte, a professora se tornou a protagonista em praticamente todo o tempo das aulas que participamos. Compreendemos também que parece ser incompatível a concepção de aula e brinquedoteca, aula e Educação Infantil:quando nos referimos a uma aula, entendemos que essa atividade possui, no mínimo, 50 minutos e, no caso da brinquedoteca da Eseba, durante o ensino remoto, a escola seguiu a orientação de que as crianças pequenas não podem permanecer mais de uma hora por dia em frente às telas dos computadores –por isso, os encontros remotos duravam apenas 30 minutos (UFU, 2020). Nessa condição, a docente não apresentava às crianças, em sua totalidade, o que era proposto para o dia e,assim que começava o trabalho, precisava encerrá-lo porque elas iriam participar de outras aulas.

Por ser um momento na brinquedoteca, a escola precisaria refletir acerca da importância das crianças dos primeiros e segundos períodos da Educação Infantil se envolverem com brincadeiras.Uma aula pode ser compreendida:

[...]como o conjunto dos meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula o processo de ensino em função da atividade própria do aluno no processo da aprendizagem escolar, ou seja, a assimilação consciente e ativa dos conteúdos. Em outras palavras, o processo de ensino, através das aulas, possibilita o encontro entre os alunos e a matéria de ensino, preparada didaticamente no plano de ensino e nos planos de aula (LIBÂNEO, 1994, p. 45).

Sendo assim, a aula tem relação direta com o ensino, ao indicar uma assimilação consciente e ativa dos conteúdos, mas esse não é o objetivo da Educação Infantil e, tampouco, da brinquedoteca. Quando pensamos sobre a função desta última,há a ideia de um lugar onde acontecem brincadeiras,o que não corresponde à sequência de conteúdos a serem seguidos e de avaliações a serem obtidas. A brinquedoteca é, portanto, um espaço no qual as crianças podem mostrar seus gostos e feitos, assim como desenvolver a autonomia por meio de diversos tipos de brincadeiras, inclusive as livres. Porém, afirmamos que o ensino e a aprendizagem podem ocorrer nesse ambiente, mas sem pressão de conteúdos e avaliações formais.

O ensino remoto para as crianças constitui um grande problema.Quando nos deparamos com a pandemia, as restrições aplicadas em todos os meios e locais, principalmente nas escolas, foram profundamente desafiadoras. Ensinar crianças na Educação Infantil por meio do ensino remoto foi muito difícil, visto que esse nível de ensino é o início

do processo educacional, por envolver o contato, o afeto, o falar, o agir e a construção da autonomia. Nessa etapa, é necessário promover diversas experiências de convivência, porque tudo é novo para as crianças e, por meio das experiências, elas aprendem sobre a realidade e se constituem como sujeitos de cultura, ao mesmo tempo em que são pessoas singulares e vinculadas às relações sociais.

Ser professor no ensino remoto da Educação Infantil, contexto desconhecido pelas crianças por não haver o hábito de se sentarem e permanecerem quietas para assistir à explicação das atividades na tela do computador, *smartphone* ou *tablet* pela professora é complexo, ainda mais na pandemia, em que as pessoas perderam entes queridos e passaram por situações difíceis. Deixá-las em frente às telas para tentar ensiná-las sobre números, cores, alfabeto e brincar não faz sentido, pois, ao longo do presente trabalho, constatamos conversas descontraídas entre a professora e elas. A interação entre as crianças foi quase inexistente e, tampouco, existiram brincadeiras nesse caso. De acordo com Brougère (2000, p.13-14), a brincadeira “pode fabricar seus objetos, em especial, desviando de seu habitual os objetos que cercam as crianças; além de mais, é uma atividade livre, que não pode ser delimitada”.

As atividades realizadas com as crianças na brinquedoteca foram limitadas pelo uso da tecnologia. Nesse caso, a conexão por meio do programa Microsoft Teams possibilitou o acesso à voz e à imagem dos sujeitos participantes das atividades nomeadas como brinquedoteca. Isso contrapõe o brincar na Educação Infantil, que envolve compartilhamento de espaço, corporalidades, movimentos e interações, entre outras características que podem ser construídas apenas nos contatos presenciais.

Algumas atividades com as crianças realizadas no momento em que participamos dos encontros remotos foram:

- 1- Passear por uma floresta imaginária: a docente mostrou vários vídeos ou *gifs* (imagens animadas) que remetiam a uma floresta. Na sequência, ocorreu uma conversa com as crianças sobre barulhos e outros elementos que apareciam nas imagens apresentadas por ela.
- 2- Adivinhar e desenhar sons: a professora apresentou às crianças alguns sons. Elas precisavam adivinhar o que era escutado e, depois disso, ilustrar o que ouviram – na maioria das vezes, eram sons feitos por animais.
- 3- Conversa sobre as férias: nessa atividade após as férias escolares, na qual as crianças contaram suas experiências no período de recesso da escola. A professora perguntava para elas sobre o que fizeram, em que citaram brincadeiras e outras vivências de maneira animada e eufórica.

4- Troca de funções com os pais: essa atividade transcorreu em dois momentos. No primeiro, a docente enviou mensagem no canal de cada turma da brinquedoteca para solicitar às crianças a troca de papel com os pais e, depois, deveriam relatar as experiências realizadas na aula; e na segunda parte, elas contaram sobre como foi estar na função de seus pais e precisar cuidar da casa, fazer comida, dar bronca e brincar com os filhos. Algumas crianças se sentiram felizes com a experiência de serem pais e mães por algum tempo, enquanto outras não gostaram; contudo, a proposta de contar sobre essas trocas gerou interação entre elas e a professora.

5- Cantinho de brincar: nesse caso, a professora solicitou, por meio do canal das turmas da brinquedoteca no Microsoft Teams, a postagem de fotos ou vídeos dos espaços de brincar das crianças em suas residências. No encontro *on-line*, elas contaram sobre as imagens, os espaços de brincar e os brinquedos favoritos – algumas interagiam mais do que as outras.

6- Conhecendo a brinquedoteca da escola e tentando adivinhar as brincadeiras apresentadas em imagens: nessa atividade, a professora exibiu fotografias de alguns espaços da brinquedoteca da instituição para os alunos, visto que as crianças das turmas de primeiro período da Educação Infantil não conheciam a escola presencialmente; logo, elas puderam conhecer os espaços de brincar da instituição. Para as turmas de segundo período, essa atividade as levou a lembrar do que foi vivido na brinquedoteca antes da suspensão dos contatos presenciais. Outra etapa dessa atividade consistiu em mostrar fotos para as crianças adivinharem as brincadeiras que ocorriam nos momentos dos registros.

No período em que realizamos as observações participantes com as crianças na brinquedoteca, foram feitas as mesmas atividades para as quatro turmas da Educação Infantil – às vezes, modificava-se o roteiro a ser seguido e o fato de algumas turmas participarem um pouco mais que as outras, a depender do assunto proposto em cada dia. Não conseguimos definir exatamente o nível de participação de tais salas porque, nas aulas, havia quantidades diferentes de crianças nas salas e, em certas ocasiões, estavam mais quietas.

Uma aula pode ficar com maiores índices de participação no momento em que a professora deixa as crianças falarem o que desejam, pois, quando eram as protagonistas, todas

queriam contar sobre alguma situação. Um exemplo da exposição de opiniões foi registrado na Nota de Campo n. 5¹, de 31 de maio de 2021:

O vídeo de um rio foi colocado pela professora.

Crianças: Existe cobra que nada... Não tem tubarão porque é um rio.

J: Aí mora barata que morde as pessoas, grilos.

Professora: E você gosta desses bichos, J.?

J: Não.

J: O gato come barata.

Professora: Será que tem gato aí?

JV: Sim, tem.

V: Acho que aí não tem grilo, não.

V: Aí, acho que tem um sapo cururu e tubarão.

Professora: Você acha que tem tubarão aí, V.?

V não respondeu à professora; então, outras crianças continuaram o assunto sobre o que havia no lago.

LM: Tem mosquito, professora.

Professora: Você acha que tem mosquito aí?

LM: Lógico.

LM: Tem jacaré também no lago.

JV: Tem veneno e tem uma arma para matar cachorro (não me recordo e nem anotei o motivo pelo qual JV abordou esses assuntos).

Professora: Vamos embora para outro lugar?

JV: Podemos ir para uma praia? (Não anotei o que a professora respondeu ao aluno JV).

Agora, a docente mostrou um vídeo de leão rugindo.

Professora: Gente, vocês ouviram?

J: Não! (Falou com a voz baixinha).

Professora: Querem ir para outro lugar?

Crianças: Sim! Não quero ficar com o leão, não.

Assim, a turma foi assistir a um vídeo de elefantes (mamãe e filhote) que faziam barulhos.

Professora: Gente, vocês ouviram?

Crianças: Sim!

Professora: Querem continuar aqui?

Crianças: Não!

Então, a turminha foi passear mais pela floresta e assistir a um vídeo de várias borboletas voando.

Uma criança: Tenho medo de abelha! (A criança confundiu abelha com borboleta).

P: Será que é abelha?

Crianças: Não, não! É borboleta.

JV, no meio da conversa sobre as borboletas, mostra um leão para turma.

Professora: JV, você gosta de animais?

JV: Eu gosto de leão.

R: Eu ouvi o barulho das asas da borboleta. Eu não gosto de leão.

LM: Eu tenho um urso.

L: A borboleta parece uma abelha e eu escutei o barulho das borboletas.

VTA: Esse polvo vive no mar (mostrando um polvo de pelúcia). Isso é som de abelha.

¹ Para demonstrar visualmente a inserção de partes de notas de campo produzidas neste trabalho, optamos por recuá-las, como ocorre nas citações diretas. Os nomes das crianças foram abreviados por meio de letras, para resguardar a identidade delas.

Nas aulas em que as crianças participavam com menos frequência, as atividades planejadas pela professora eram concluídas de fato. Isso pode ser constatado, por exemplo, na Nota de Campo n. 4, de 24 de maio de 2021:

Professora: Alguma novidade, crianças?

Crianças: Nenhuma.

Uma criança: Fui na roça.

Professora: Tenho uma novidade: nessa semana, o mundo inteiro comemora a semana da brincadeira. O que mais as crianças gostam de fazer?

Crianças: Brincar...

Uma criança: Eu gosto primeiro da minha mãe e, depois, de brincar.

Outra criança: Professora, a melhor coisa do mundo é brincar.

Professora: Hoje vamos dar um passeio usando a imaginação! Mas, precisamos de uma palavra mágica para entrar nesse lugar que iremos. Vocês me ajudam?

Uma criança: Eu já imaginei um portal.

Professora: Crianças, vamos respirar bem fundo e imaginar esse portal, correto?

A professora colocou um vídeo de floresta.

Professora: O que vocês ouviram?

Crianças: Um cachorro, passarinho, cachorro, cigarra...

Professora: Vamos ouvir novamente esse som?

(Depois não anotei a conversa sobre o que escutaram na floresta).

O vídeo de um lago foi colocado pela professora.

Professora: O que estão vendo?

Uma criança: Um rio.

Professora: Crianças, vamos entrar no lago e mergulhar?

(Não anotei se a professora obteve outra fala ou se alguma criança concordou com o mergulho).

Professora: O que vocês ouviram? Sentiram algum bicho na hora em que estavam escutando?

Uma criança: Crocodilo, leão...

O vídeo de um leão foi colocado.

Uma criança: É o leão.

Professora: Alguém ficou com medo?

Uma criança: Eu me escondi porque fiquei com medo...

O vídeo de uma árvore foi colocado.

Professora: Vamos ver o que vai acontecer.

Uma criança: Eu conheço essas árvores.

Professora: O que escutaram?

Crianças: Passarinhos voando...

Elefantes brigando...

Professora: Vamos embora, vamos seguir.

Professora: Olha o que a gente encontrou! (Ela fez cara de espanto nessa hora).

Um vídeo de dois elefantes foi colocado.

Professora: Escutem! O que será que eles estão falando? Alguém fala elefantês?

Uma criança: A mamãe está falando para o filho ir para o lago.

Um vídeo de várias borboletas foi colocado.

Professora: O que é isso?

Uma criança: Borboletas.

Professora: Escutem!

Crianças: É uma água! Parecia o som de uma abelha zoando! Eu ouvi!

Professora: Crianças, a aula já está acabando. Vamos imaginar novamente o portal para irmos embora.

Uma criança: Um portal bem escuro, com muito brilho.

Sobre a aula, a turma estava interagindo com menos frequência nesse dia. A professora conseguiu trabalhar todos os vídeos propostos, pelo fato de as crianças estarem totalmente caladas.

Como dito anteriormente, as atividades observadas no ensino remoto da brinquedoteca ocorreram por meio de encontros *on-line* realizados na plataforma Microsoft Teams e sem o contato **físico** entre as pessoas envolvidas (docente, pesquisadora, estagiárias e crianças). As câmeras de vídeo estavam ligadas, assim como os microfones das crianças e da professora. Apesar de serem atividades consideradas livres de conteúdos específicos e disciplinares, sem pressão sobre aspectos certos ou errados, as falas do público-alvo nesse contexto, apesar de serem importantes, não podem ser confundidas com brincadeiras. Talvez possamos nomeá-las como atividades remotas interativas que, em alguns momentos, apresentavam mais conversas entre elas e a professora.

Um fato interessante a ser ressaltado sobre os estudos com as quatro turmas é que as atividades remotas eram realizadas no horário destinado à brinquedoteca e de acordo com a rotina da escola, ou seja, mesmo quando o ensino era presencial, as turmas a frequentavam de 15 em 15 dias, apenas. Segundo Brougère (2000, p.96) a brincadeira às vezes é colocada pelos docentes como instrumento de ensino, em que passam a usar o brincar como uma forma de chamar atenção dos alunos para o ensino e desvalorizar atividades lúdicas e espontâneas. Dessa maneira:

As crianças não tomam a iniciativa da brincadeira, nem tem o domínio de seu conteúdo e de seu desenvolvimento. O domínio pertence ao adulto, que pode certificar-se do valor do conteúdo didático transmitindo dessa forma. Trata-se de utilizar o interesse da criança pela brincadeira a fim de desviá-la, de utilizá-la para uma boa causa, que seria os estudos (BROUGÈRE, 2000, p.97).

Mediante as observações, presenciamos supostas brincadeiras desenvolvidas como meio para o ensino, em que as crianças, apesar realizarem atividades que gostavam, seguiam a proposta coordenada pela docente. Apesar de tais atividades serem colocadas como brincadeiras, quando pesquisamos sobre o assunto em livros e dissertações, outras características foram apresentadas, como o fato de o brincar remeter a ações sem instruções de alguém externo e envolver imaginação, criação e fantasia (BROUGÈRE, 2000).

Na brincadeira, a criança vive experiências raras na vida do homem, como se confrontar com a complexidade do mundo. Ela vivencia a curiosidade com o que sabe e pode fazer (ou não), com estímulos, novidades e charme (TONUCCI, 2020). As atividades desenvolvidas a escola são, em sua maioria, vistas como bases para o ensino de conteúdos disciplinares, até mesmo na brinquedoteca. Nesse caso, as crianças aprenderam sobre animais, sons, cores, entre outros elementos – tais assuntos são relevantes, mas não constituem o brincar em si.

Pudemos identificar que, de modo geral, várias falas das crianças fugiam do roteiro da aula, como manifestações espontâneas sem serem perguntadas ou instruídas para serem efetuadas. Consideramos tais discursos mais próximos das brincadeiras porque, por meio deles, as crianças demonstravam o que sentiam ou pensavam naquele momento.

As aulas analisadas na presente investigação se referem às turmas da Educação Infantil, com crianças na fase de movimentação dos corpos, descobertas, curiosidades e perguntas. Evidentemente, as atividades desenvolvidas na brinquedoteca, apesar de envolverem elementos significativos para o processo de ensino-aprendizagem, não se mostravam como brincadeiras. Em nossa pesquisa, buscamos salas do referido nível educacional em que as brincadeiras livres deveriam ser ações escolhidas e realizadas de fato, mas, com o ensino remoto, não encontramos tais atividades.

Como citado anteriormente, as brincadeiras são consideradas uma fonte de ensino, sobretudo na Educação Infantil, o que corresponde ao primeiro momento de educação das crianças. Porém, o que pode ser designado como brincadeira está relacionado com o seguinte posicionamento:

As crianças fazem das brincadeiras uma ponte para o imaginário - a partir dele, muito pode ser trabalhado. Contar, ouvir histórias, dramatizar, jogar com regra, desenhar, entre outras atividades constituem meios prazerosos de aprendizagem. Através delas as crianças expressam suas criações e emoções, revivem suas alegrias, seus medos e conflitos, resolvendo-os à sua maneira e transformando sua realidade naquilo que querem, internalizando regras de conduta, de convivência e imaginárias que são discutidas e negociadas incessantemente pelas crianças que brincam, desenvolvendo características importantes para a vida adulta e valores que orientarão seu comportamento. O raciocínio lógico, a aceitação de regras, socialização, desenvolvimento da linguagem entre as crianças, são algumas importantes habilidades desenvolvidas durante as brincadeiras (OLIVEIRA, 2009, p. 77).

Frequentemente, as brincadeiras infantis são utilizadas como recursos para o ensino de conteúdos. Todavia, quando analisamos os significados ensinados por essas atividades, o brincar não pode ser visto como uma solução para o ensino, porque vai além da sala de aula e

de um passatempo para horas vagas; logo, esse ato está interligado a um processo cultural vivenciado.

No ensino da Educação Infantil, podem ser trabalhadas ações como:

[...] alimentar-se, o lavar-se e o vestir-se, o descanso, o controle do corpo, o brincar, o jogar e o explorar a si mesmo e ao entorno, o separar-se e o reencontrar-se, o movimentar-se, o conviver com os demais e tantos outros conteúdos (BARBOSA, 2009, p.83).

Há várias práticas a serem ensinadas na Educação Infantil do âmbito escolar, principalmente os hábitos relacionados ao convívio familiar e em sociedade. Por isso, enfatizamos que a brincadeira auxilia no processo de ensino-aprendizagem das crianças, mas não podemos colocá-la como uma função restrita ao ensino de conteúdos disciplinares. Brincar livremente permite às crianças evoluírem na socialização e construção da autonomia e da partilha, fortalece as noções motoras e estimula a fala e os sentidos, mas essas transformações não são consideradas suficientes e, tampouco, compreendidas como fundamentos para o trabalho da escola com os conteúdos.

As brincadeiras fazem a diferença quando são priorizadas no trabalho das instituições de Educação Infantil, especialmente quando o tempo é valorizado e promovido como direito das crianças. Portanto, nas aulas que assistimos, não identificamos brincadeiras, e sim uma aula dialogada, com níveis maiores e menores de participação do público-alvo.

4.2 FORMATO DAS ATIVIDADES

As questões dinâmicas e estruturais da brincadeira são bastante complexas, pois, para ela ocorrer, o tempo é fundamental, sobretudo na instituição de ensino. Nas práticas observadas, as aulas da brinquedoteca aconteciam de modo *on-line* na plataforma indicada pela escola, cujo tempo total era de 30 minutos, aproximadamente, em todas as segundas-feiras, conforme o protocolo adotado pela escola. Cada turma de crianças da Educação Infantil participou de 15 em 15 dias nos encontros relativos à brinquedoteca – vale ressaltar que tais aulas não tinham um conteúdo pré-determinado.

No período em que participamos das atividades remotas, as aulas ocorreram do mesmo modo: a professora as iniciava com uma conversa com as crianças, para promover a primeira interação, até toda a turma estar presente com as câmeras ligadas. As atividades observadas se resumiram a trabalhar efeitos sonoros, imagens de animais, desenhos, cores, conhecimentos gerais, troca de papéis com os familiares e registro fotográfico de aspectos da vida cotidiana

das crianças e da brinquedoteca da Eseba, por meio de interação *on-line* e sem nenhum tipo de contato físico.

Um exemplo interessante do esquema geral das aulas consta na Nota de Campo n.11, de 21 de junho de 2021:

Em relação aos áudios, ao invés de a professora colocar aqueles selecionados por ela para os alunos descobrirem os sons, como foi feito na aula anterior, agora a atividade de desenhar se basearia no áudio gravado pelos alunos, atividade assíncrona solicitada no encontro passado. O restante da turma adivinharia e desenharia o som trazido pelo colega, além de realizar a brincadeira da batata quente. Nesta última, as crianças tentavam adivinhar o som, cujo “dono” falaria se estavam perto ou longe de adivinhá-lo, mas, como apenas duas crianças fizeram esse trabalho e o enviaram no grupo de *WhatsApp* da turma, a professora resolveu iniciar a aula com o som do aluno C. A docente pediu para as crianças pegarem a mesma folha da aula passada para reaproveitarem e, somente se necessário, pegariam uma nova folha.

Professora: Gente, agora irei colocar o som do C. e vocês prestem bastante atenção. É um som que dura cinco segundos, rapidinho... 1, 2, 3 e valendo! (O som era de um cachorrinho).

Crianças: Cachorro, cachorro, cachorro!

Professora: E aí, C., tá quente?

C: Tá quente... É um cachorro.

Professora: Acertamos, C.?

C: Acertou!

Professora: Agora, iremos desenhar o som do C. (As crianças ilustraram o que ouviram).

Professora: Quem desenhar mostra para gente.

E: Eu fiz o som do chuveiro.

Professora: Que legal! Mas, você tem que postar no canal para eu apresentar à turma. Quem for fazendo os desenhos, mostra pra gente... Oi, R.! Conseguiu fazer os desenhos?

R: Não, eu fiz um avião, porque eu não tenho um avião aqui em casa.

A mãe do E tem dificuldade para postar o áudio para as crianças escutarem no momento da aula e ela acaba desistindo de fazê-lo. Então, a professora colocou som da J.

Professora: Não conta seu som, viu, J.? Esse é difícil, hein? Vou colocar de novo.

Crianças: De torneira, carro, caminhão, mato...

E: Não consegui entender.

Professora: Vou colocar de novo.

E: Não sei ainda.

Professora: O que será, hein, J.? O que você aprontou?

AJ: Eu acho que é uma máquina de lavar roupa.

Professora: E aí, J.? Tá quente ou tá frio?

J: É uma betoneira, porque minha casa está em obra.

Professora: Que legal, J.! Vocês sabem o que é uma betoneira?

A sala toda fica em silêncio. A docente mostra a imagem de uma betoneira para as crianças.

Professora: Quem já viu uma betoneira?

No “meio” da pergunta da professora, saiu um “eu já” bem leve...

A aula se torna pouco interativa, porque as crianças não interagem entre si e respondem apenas ao que é perguntado pela docente. Um ou outro

demonstra a opinião espontaneamente; logo, o planejamento da aula, que muitas vezes é cumprido, se torna monótono.

Segundo Brougère (2000, p.102-103):

A brincadeira é um espaço social, uma vez que não é criada espontaneamente, mas em consequência de uma aprendizagem social e supõe uma significação conferida por todos que dela participaram (convenção). Porém, muitas atividades elementares da criança pequena, que usualmente chamamos de brincadeira, não são brincadeira, nesse sentido. Esse espaço social supõe regras. Na introdução e no desenvolvimento da brincadeira, existe uma escolha e decisões contínuas da criança (grifos nossos).

Desse modo, confirmamos a importância da participação (cri)ativa das crianças nas brincadeiras. Nas aulas da brinquedoteca, evidenciamos uma forma de conversa sobre assuntos importantes e interessantes para elas, o que provavelmente não acontecia em outras aulas; por conseguinte, afirmamos que, em alguns momentos, aconteceram criações não apenas para responder às atividades propostas pela professora. Conforme a Nota de Campo n. 24, de 23 de agosto de 2021, as crianças relataram sobre os espaços de brincar em casa, como solicitado pela docente, e incorporaram uma brincadeira no transcórre da atividade e a desenvolveram junto com a professora:

A professora mostrou algumas imagens da brinquedoteca da escola e pediu para as crianças tentarem adivinhar as brincadeiras desenvolvidas em cada figura.

Imagem 1-Crianças brincando de médico

A professora perguntou se alguma criança foi ao médico e como foi essa visita.

V: Minha mãe me levou no médico e eu fiquei quietinha. Eu nem chorei, e o médico olhou minha língua.

Imagem 2-Laboratório de ciências

Professora: Eles estão brincando de quê?

V: Eles estão pintando.

Professora: Eita! O que será que eles estão fazendo?

M: Acho que eles estão fazendo picolé!

Professora: Não. Posso contar?

Crianças: Sim!

Professora: Eles estavam brincando de realizar remédios para um laboratório.

(Não consegui acompanhar as imagens com muitas falas das crianças. Várias foram mostradas, como cozinhar, costurar, consertar coisas, pedreiros, entre outras).

A professora mostrou alguns cantinhos de brincadeiras de cada aluno que enviou a foto (nem todas encaminharam imagens).

A. mostrou seu cantinho do geladinho, e a professora perguntou se podia comprar (ele disse que sim). As crianças da sala também resolveram encomendar geladinhos de diversos sabores e ele estava anotando os pedidos da turma –A. perguntava o sabor para cada um dos presentes na aula. Estava

sendo uma brincadeira muito legal, em que todos queriam escolher os sabores de geladinho;alguns colegas, inclusive, escreveram os pedidos no *chat*. Ao invés de escrevem o nome dos sabores, as crianças escolhiam os *emojis* de frutas.

A professora mostrou o cantinho de N, que era um espaço para brincar, e ele contou que desenhou um zumbi. N. estava cobrando para fazer pinturas corporais para a turma; assim, várias crianças manifestaram interesse nessas pinturas; por sua vez, E. mostrou seu cantinho com diversos brinquedos em cima de uma mesa; S. estava brincando de pintar no cantinho de brincadeira; o cantinho de I. era destinado para fazer uma maquete de dinossauro e ele estava desenhando com lápis e papel; M. mostrou seu cantinho de cozinhar e disse que fez macarrão para dar para sua mãe, além de ter indicado o piquenique que fez com sua filha (uma boneca);H. mostrou seu cantinho de brincar, onde ela estava fazendo de conta que era uma escola e ela era a professora – ela disse que estava ensinando aos seus alunos sobre como escrever flor; e V. mostrou seu cantinho de brincar onde ela era uma manicure e pintou a unha de sua boneca.

Professora:V., quanto é a unha no seu salão?

V: Quatro dólares.

Professora: Meu Deus!É em dólar...

V. mostrou seus diversos esmaltes e produtos para cabelo.

Professora:V, tem horário no seu salão?

V: Não, é de graça.

Professora: Não!Então depois eu vou aí para você me atender!

Por fim, B. mostrou um cantinho em que ele estava brincando de massinha e com nomes de animais, tendo dito que se havia se divertido bastante. Ele estava fazendo uma onça de massinha.

Nesse excerto, observamos que a interação é favorecida quando a professora acolhe e desenvolve o diálogo de acordo com as vivências das crianças, dinâmica que não havia acontecido em outras ocasiões. Também notamos que algumas atividades realizadas nas aulas não eram interessantes para as crianças, como pode ser verificado na Nota de Campo n. 15, de 5 de julho de 2021:

Na aula, a professora fez uma brincadeira de esconde-esconde, que consistiu em não aparecer na câmera ao longo de alguns minutos, para as crianças que iam entrando não virem quem estava na aula. (As crianças não entenderam bem, tampouco participaram bastante da atividade).

Professora: Julia,é verdade que hoje é seu aniversário?

J: Sim, é meu aniversário.

Professora: Podemos cantar parabéns para você?

J: Não, mas vai cantar à noite os parabéns.

Professora: Não, J.!Iremos cantar agora os parabéns.

Parabéns pra você... (Professora e crianças cantam).

Professora: Lucas, você estava sumido!

A. e J. estavam se maquiando com uma caixinha de maquiagem enquanto participavam da aula.

Continuando com a brincadeira dos sons...

Som do M.:

1ª etapa:Escutar o som e tentar adivinhar qual som é.

2ª etapa: Falar qual é o som escutado.

Professora:Muito bem, que som é esse?

Crianças: Pipoca, pipoca!
 Professora: Hum! Vamos revelar esse mistério.
 Professora: M., que som é esse?
 M: Pipoca.
 Agora, era o momento da brincadeira de escutar os sons dos animais, em que as crianças tentaram adivinhá-los.
 Som 1: Bisão, leão e crocodilo.
 Professora: De quem é esse som?
 (Não consegui acompanhar o primeiro som).
 Som 2: Tucano.
 Professora: E aí, gente, som de quê?
 Crianças: Sapo, porco...
 Professora: É o som do tucano, gente! Olha só!
 Som 3: Avestruz, hiena e morcego.
 Professora: Vamos descobrir qual é o som?
 Crianças: Morcego, morcego...!
 Professora: Acertaram!
 Som 4: Pato, galinha-d'angola e pinguim.
 Crianças: Pato, pinguim!
 Professora: Vamos ver se vocês acertaram... Ixa! Galinha-d'angola.
 Som 5: Sapo, cigarra e cobra.
 JV: Cigarra!
 L: Cobra!
 Professora: Ixa! É um sapo.
 Professora: Gostaram, gente?

No registro da aula do dia 5 de julho de 2021, notamos que as crianças, em grande parte, ficaram em silêncio, interagiram com menos frequência com a docente e praticamente em nenhuma oportunidade entre elas; logo, falaram apenas quando foram solicitadas ou questionadas. Observamos que a maioria das falas é da professora – pensamos que a falta de interesse e interação se deve ao fato de não ser possível promover brincadeiras, em que o pular, o tocar e a interação direta sempre se fazem presentes, mas, no meio virtual, é impossível brincar.

Quando questionamos sobre como as brincadeiras aconteciam com a suspensão das aulas presenciais e no formato *on-line* – uma vez que as crianças continuavam a se encontrar com a professora da brinquedoteca –, pudemos identificar a inexistência desse tipo de atividade, mas havia diálogos interessantes entre a docente e elas, a exemplo da Nota de Campo n.17, de 2 de agosto de 2021:

No início da aula, as crianças contaram suas aventuras no período das férias.
 L., por exemplo, falou que tinha três dentes para serem arrancados.
 Professora: L., você teve alguma aventura nessas férias?
 L: Eu tirei fotos com a minha mãe. Ela estava grávida e vai ganhar bebê daqui a dois dias.
 Professora: Nossa, está perto, hein?!
 M: Professora?
 Professora: Diga!

M: Professora, eu não viajei porque estão faltando algumas pessoas na minha família para tomar vacina. Só fui na casa da minha vó e brinquei com a minha prima.

Professora: Eu também não viajei, M., pois, na minha família, nem todo mundo tomou vacina. M., do que você brincou com sua prima?

M: Brinquei de rolar no chão.

J: Professora, eu viajei para Araguari nas férias.

Professora: Que bom, J.! (J. contou sua experiência com as galinhas em uma fazenda).

JV: Eu fiz uma aventura lá na roça.

Professora: Conta aí pra nós!

JV: Eu fui em uma casa abandonada e chamei o vô.

Professora: Uau! JV, você ficou com medo?

JV: Eu não.

Professora: Essa foi uma aventura mesmo, hein?!

JV contou que viu uma árvore balançando e parecia um fantasma que estava o perseguindo.

J: Como era o fantasma?

JV fez umas caretas mostrando como era o fantasma.

V: Eu vi nas férias um gatinho e um bezerro.

L. apareceu na câmera. A docente perguntou se ela havia escutado a história do JV. e se L. tinha ficado com medo.

J. e V. falaram que não ficaram com medo da história do JV.

V. nos contou que foi a um lugar secreto, uma praça, com seu primo.

M: Professora, vou contar uma história inventada que eu inventei.

Professora: Claro! Pode contar.

M. contou a história de um vampiro que ficava dentro do armário.

J: Vampiro vive dentro do caixão... Essa história está errada!

Professora: Não... Essa história o M. inventou!

M. continuou com sua história.

M: Ele gosta de tomar café, o vampiro!

Professora: Eu também gosto!

L: Eu fui no casamento da minha irmã e também foi meu aniversário que tinha um bolo azul e amarelo

Professora: Que legal! E o bolo era gostoso?

O áudio de L. travou. Depois, ela voltou para constar sobre o reencontro com sua amiga que não via há muito tempo.

L. contou que fez seis anos e mostrou a foto com o bolo, além da foto de sua irmã de noiva.

J. contou que seus dentes não estavam querendo cair.

C. mostrou diversos desenhos elaborados nas férias.

M. levantou a mão para falar que também fez seis anos.

PD. não conversou, mas sua mãe ligou o áudio e contou que ele teve uma aventura engraçada, em que precisou ir ao dentista porque estava com uma mancha preta no dente. A família achou que era uma cárie, mas, na verdade, ele tinha mordido em um lápis e a tinta ficou grudada no seu dente.

A professora deu oportunidade para as crianças que não falaram, mas algumas não quiseram. Houve muitas falas e não foi possível descrever todas elas.

As crianças, cada uma em sua residência, fizeram da aula um importante encontro entre elas e a professora, em que compartilharam suas vivências, entendimentos e experiências. Diversas adaptações precisaram ser realizadas nas escolas com a pandemia, e a

suspensão do trabalho presencial foi desfavorável às crianças e aos docentes, principalmente na Educação Infantil.

4.3 SUJEITOS PROPONENTES

A professora da brinquedoteca era responsável por propor as atividades nas aulas, mas a participação das crianças era heterogênea e mais ativa em algumas situações.

De acordo com Brougère(2000, p.61):

O círculo humano e o ambiente formado pelos objetos contribuem para a socialização da criança e isso através de múltiplas interações, dentro as quais algumas tomam a forma de brincadeira ou, pelo menos de um comportamento reconhecido como tal pelo adulto. **Esse comportamento pode ser identificado como brincadeira na medida em que não se origina de nenhuma obrigação senão daquela que é livremente consentida, não parecendo buscar nenhum resultado além do prazer que a atividade proporciona** (grifos nossos).

Percebemos a impossibilidade de promover a participação ativa das crianças, uma vez que o tempo previsto para as atividades era extremamente curto; então, a professora mediava as atividades e intervia para elas serem cumpridas de fato. Quando todas expunham suas opiniões durante a aula, como em 14 de junho de 2021, a proposta se estendeu para o encontro seguinte, após 15 dias, como observamos na Nota de Campo n. 10, referente à data supramencionada, em que se sobressaiu uma conversa inesperada entre algumas crianças:

No começo da aula, as crianças conversavam com a professora sobre o que estavam fazendo, sobre o cotidiano, os brinquedos etc. M. elogiou o meu cabelo ao dizer que achava muito bonito, era parecido com o de sua prima e que tinha vontade de usar tranças no seu cabelo também. Fiquei muito feliz com a admiração da garotinha, agradei e elogiei o cabelo dela encaracolado e que estava amarrado.

O assunto do meu cabelo virou motivo de uma conversa entre as crianças e a professora.

SF: Professora, eu tenho cabelo liso, é loiro. Já minhas outras amigas da turma têm os cabelos enrolados e escuros.

Professora: Sim, existem diversos tipos de cabelos. O cabelo de toda a turma é bonito, cada um com suas características.

Tive a impressão de que, nessa breve aula da brinquedoteca, as crianças encontram um momento para conversar sobre diversos assuntos, e não apenas realizar determinada atividade. Antes de a professora explicar a dinâmica da aula, SF. perguntou se os colegas e ela conheciam a história de Jesus. A docente, assim como as outras crianças, escutaram SF contar sua história e permaneceram calados. Depois, a docente não falou nada sobre o assunto desenvolvido pela aluna e iniciou a aula – tive a impressão de que não abordou questões religiosas para não prolongar o assunto, devido ao

curto período da aula e pelo fato de a temática requerer tempo e estudo, ainda mais para trabalhar com crianças pequenas.

O tema da aula foi “brincando de desenhar os sons” a partir do que era escutado pela turma. Nesse caso, os pais não podiam ajudar na atividade, e apenas as crianças deveriam desenhar a partir do que escutassem. Não era necessário fazer um desenho formal, por exemplo: se era o som de um elefante, não deveria desenhar o elefante em si, mas sim, a partir da imaginação, converter o som em imagem.

O primeiro som era de vento, e algumas crianças mostraram os desenhos que fizeram.

Professora: Alguém quer falar o que fez?

PD: Desenhei um avião.

M: Eu ouvi um som de vento. Professora, eu posso cantar uma música que eu conheço do vento?

M inventou uma música sobre o vento para falar de suas funções e relacioná-las ao brincar.

Professora: Claro! Que legal sua música! Gostei bastante!

M: Hahaha! (M. deu risada porque sua música era engraçada e ninguém a conhecia, tendo inventado naquele instante da aula. A mãe de M., inclusive, confirmou essa informação).

Professora: Você é uma verdadeira artista, M.!

Consegui perceber que M. é muito criativa e bastante participativa. Sempre gosta de falar e comentar sobre algo, seja da sua vida ou das aulas. Em determinado momento, mostrou as novas pantufas para a professora, toda sorridente.

Novamente, mesmo sem ser sobre o assunto questionado pela professora, SF. pediu para falar e contou sobre a história de Jesus, assunto que tinha abordado no início da aula. A docente agradeceu a fala de SF, e pediu para mais crianças mostrarem ou falarem sobre o que escutaram e seus desenhos.

V: Eu escutei um barulho de vento, professora.

Professora: Preparados para escutar outro som?

Crianças: Sim!

Um segundo som foi colocado. Outra vez, as crianças mostraram seus desenhos – algumas demoram mais para ilustrar do que outras e pediram mais tempo à docente. Assim, a professora realizou a mesma pergunta:

Professora: O que vocês desenharam?

S: Eu desenhei um elefante.

V: Eu desenhei o elefante.

PD: Professora, eu desenhei um elefante. Olha!

M: Eu posso cantar só mais uma musiquinha?

Professora: Mas é claro, M.!

M: As músicas falam de pais, mãe, amor e carinho.

H: Olha meu desenho (eram diversos traços).

H: Eu desenhei um elefante.

G: Professora, olha o meu (mais traços).

A aula acabou e não foram mostrados todos os sons. Ainda faltavam crianças e desenhos; porém, o tempo de aula foi curto para essa dinâmica.

Como as crianças são pequenas, nem sempre lembravam do que haviam feito na aula anterior e sobre o momento em que o trabalho foi interrompido; por isso, a professora explicava novamente e o tempo destinado às aulas se tornava ainda menor para discutir algum assunto – nesse caso, as trocas verbais ficavam comprometidas. Na Nota de Campo n. 3, de 24

de maio de 2021, observamos uma situação que havia ocorrido na aula anterior, relativa ao questionamento de uma criança e da tentativa da professora em recordar quem era de fato:

Professora: Uma criança na aula passada perguntou porque o pássaro tuiuí chama tuiuí;então, trouxe o significado hoje para contar para vocês. Não me recordo o nome da criança que tinha me perguntado sobre essa curiosidade!Quem tinha perguntado porque o pássaro tuiuí se chama assim? As crianças ficaram todas caladas e ninguém se manifestou. Provavelmente, a criança que perguntou não se recordava da situação ou não estava presente na aula.

A dinâmica das aulas observadas era geralmente repetitiva, visto que a mesma situação era apresentada para as crianças de todas as turmas da Educação Infantil.Quando houve diálogo nesse contexto, ele ocorreu principalmente entre a professora e as crianças e, em menor frequência, entre elas. Evidentemente, a ausência de diálogos entre as crianças também reduz as possibilidades de trocas e aprendizagens, algo fundamental nas brincadeiras.

Ressaltamos a relevância de as crianças terem um papel ativo nas aulas e nas brincadeiras com liberdade de ações.As trocas advindas dessa conjuntura são requisitos fundamentais; porém,a liberdade das crianças não exclui a participação da professora. Em nenhum momento intervimos sobre a forma de tais aulas, mas apresentamos nossas percepções diante das observações realizadas.

4.4OBJETIVOS

Nesta pesquisa desenvolvida na brinquedoteca, objetivamos saber inicialmente como as docentes administravam o tempo de encontro com as crianças e quais eram as brincadeiras realizadas durante esse período.Diante disso, as aulas pretendiam promover a interação com o público-alvo, em que a docente tentava dialogar com os alunos e, para isso, propunha e conduzia as atividades descritas nos tópicos anteriores.

Atividades propostas pela docente foram apresentadas com as seguintes finalidades: estimular a imaginação, o reconhecimento de sons, o desenvolvimento da função motora, a criatividade, a escuta, a adivinhação e as trocas de experiências;e ensinar conhecimentos gerais sobre algumas espécies de animais, a observação, as cores, o desenhar, o aprimoramento da autonomia e o relato de experiências pessoais.

Consideramos que as finalidades da professora para as aulas na brinquedoteca são pertinentes;entretanto,desejávamos encontrar outras atividades em que o brincar realmente estivesse presente.Constatamos a impossibilidade de brincar por meio de atividades remotas,

visto que a brincadeira na Educação Infantil pressupõe contato físico, interações presenciais, ambiente físico adequado e professoras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida com base em experiências essenciais para a nossa formação profissional e no desejo de aprofundar os estudos sobre brincadeiras e crianças, em que trouxemos alguns resultados de questionamentos sobre o tempo e as brincadeiras na Educação Infantil, mais especificamente em uma brinquedoteca no ensino remoto. Apesar de o nosso interesse inicial ser de vincular uma investigação realizada com as crianças em uma instituição de ensino, em virtude da situação decorrente da pandemia, ficou impossível desenvolver o trabalho com as crianças de maneira presencial; logo, passamos a acompanhar o ensino remoto. Houve vários desafios e, por isso, não encontramos respostas para todas as questões apontadas neste estudo.

As brincadeiras na Educação Infantil visam trazer comunicação e promover a autonomia das crianças por meio de atividades que podem ser contextualizadas com a fantasia, a imaginação, o desenho, as músicas e as conversas descontraídas sobre assuntos relacionados às vidas do público-alvo. Com base nas experiências vivenciadas na Eseba, notamos que não existem brincadeiras na Educação Infantil no contexto remoto, e sim atividades de ensino com mais ou menos interação das crianças entre si e com a professora.

Destarte, as brincadeiras ensinam às crianças, de maneira lúdica, sobre autonomia, participação, escolhas, percepções lógicas, motoras e físicas, além de auxiliarem na construção de um olhar crítico e reflexivo acerca de diversas questões relacionadas à vida desse público. Assim, essa atividade lúdica pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem de outros conteúdos escolares.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil**: práticas cotidianas na Educação Infantil e bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: MEC, 2009.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CAMPOS, Rafaely Karolynne do Nascimento. **Modos de brincar na educação infantil: o que dizem as crianças?** 167f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/4829>>. Acesso em: 2 abr. 2022.
- COSTA, Andrize Ramires. Da alegria de brincar à pressão para render: as crianças e o controle do tempo dos adultos. In: REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 39., 2019, Niterói. **Anais...** Niterói: ANPED, 2019. Disponível em: <http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/4436-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2022.
- FREITAS, Luísa Andries Nogueira de. **Brincadeiras musicais na Educação Infantil**: desafios e possibilidades de uma Educação Musical centrada no brincar. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- GUIMARÃES, Mariana. **O brincar a criança**: pistas para uma escola democrática na infância. 162f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2017. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/DissertacaoMarianaGuimaraes.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2022.
- LEAL, Patrícia Maristela de Freitas. **O brincar na Educação Infantil e o desenvolvimento integral da criança**. 80f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2017. Disponível em: <<http://www.univas.edu.br/me/docs/dissertacoes2/144.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2017.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: Educ, 1997.
- NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador. **Investigar em Educação**, Vila Real, n. 3, p. 13-21, 2015. Disponível em: <<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/83/82>>. Acesso em: 2 abr. 2022.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2009.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. **A influência do contexto escolar na maneira de brincar de crianças da Educação Infantil**. 120f. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em:

<[http://tede.bibliotecadigital.puc-](http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/994/2/RITA%20DE%20CASSIA%20OLIVEIRA.pdf)

[campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/994/2/RITA%20DE%20CASSIA%20OLIVEIRA.pdf](http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/994/2/RITA%20DE%20CASSIA%20OLIVEIRA.pdf)>. Acesso em: 2 abr. 2022.

PALMEIRA, Jéssica dos Santos. **Sete dias de brincadeiras: a criança e seu brincar na Educação Infantil**. 143f. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2018. Disponível em:

<[https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/10143/1/tese_12172_79%20-](https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/10143/1/tese_12172_79%20-%20Disserta%20a7%20a3o%20Final%20J%20a9ssica%20dos%20Santos%20Palmeira.pdf)

[%20Disserta%20a7%20a3o%20Final%20J%20a9ssica%20dos%20Santos%20Palmeira.pdf](https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/10143/1/tese_12172_79%20-%20Disserta%20a7%20a3o%20Final%20J%20a9ssica%20dos%20Santos%20Palmeira.pdf)>. Acesso em: 2 abr. 2022.

SANTOS, Robson Alves dos; INFORSATO, Edson do Carmo. Aula: o ato pedagógico em si. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Pró-reitoria de Graduação. **Caderno de Formação: formação de professores e didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 80-85. v. 9.

TONUCCI, Francesco. O direito de brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 40, p. 234-257, 2020. Disponível

em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6897>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

UFU. Universidade Federal de Uberlândia. Escola de Educação Básica. **Projeto Político-Pedagógico**. Uberlândia: Eseba; UFU, 2018-2019. Disponível em:

<<http://www.eseba.ufu.br/legislacoes/projeto-politico-pedagogico-ppp>>. Acesso em: 2 abr. 2022.

UFU. Universidade Federal de Uberlândia. Escola de Educação Básica.

Parâmetros Curriculares Educacionais – Educação Infantil. Uberlândia: Eseba; UFU, 2020. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/213690235-Parametros-curriculares-educacionais-educacao-infantil-escola-de-educacao-basica-universidade-federal-de-uberlandia-pce-ei-eseba-ufu.html>>. Acesso em: 2 abr. 2022.

APÊNDICES

Apêndice 1

TABELA DO LEVANTAMENTO DE TEXTOS NA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO/ANPed

<http://38reuniao.anped.org.br/programacao/210>

http://39.reuniao.anped.org.br/category/trabalho/?grupo_trabalho=gt07-educacao-de-criancas-de-0-a-6-anos

PARA LEVANTAMENTO DE TEXTOS NA 38ª E 39ª REUNIÃO DA ANPED FOI PESQUISADA APENAS DUAS REUNIÕES PORQUE EU GOSTARIA DE REALIZAR LEITURAS ATRAVÉS DE TEXTOS MAIS RECENTES QUE FORAM PUBLICADOS NOS ANOS DE 2017 E 2018.

QUAIS GRUPOS SELECIONEI PARA PESQUISAR

GRUPO 07- EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS.

GRUPO 14- SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO.

GRUPO 24-EDUCAÇÃO E ARTE.

TRABALHOS DA 38ª REUNIÃO NACIONAL EM 2017:

NÃO FOI REALIZADO A PESQUISA EM OUTROS GRUPOS PORQUE , TEMÁTICA DO PRESENTE PROJETO É ESPECIFICA E DE ACORDO COM A BUSCA QUE FIZ SOBRE OS GTs. NA 38ª REUNIÃO, APENAS ESSES DOIS GRUPOS ABORDAVAM O TEMA DESEJADO.

GT 07- EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS.

GT 24- EDUCAÇÃO E ARTE

CRITÉRIO ESCOLHIDO PARA A SELEÇÃO DOS TEXTOS A SEREM LIDOS FOI : ABORDAR SOBRE BRINCADEIRAS E CRIANÇAS, DE ACORDO COM LEITURA DOS RESUMOS DOS TEXTOS CASO SE CONFIRMASSE O INTERESSE PARA A NOSSA PESQUISA O TEXTO ERA SELECIONADO PARA UMA LEITURA INTEGRAL NA ANPED ENTREI NO SITE VIRTUAL DA ASSOCIAÇÃO E FUI BUSCANDO NO TÍTULO SE ELES DENSENVOLVIAM ESTUDOS SOBRE AS BRINCADEIRAS E CRIANÇAS E EDUCAÇÃO INFANTIL.

GRUPO DE TRABALHO (GT07)- Educação de crianças de 0 a 6 anos.

De 17 trabalhos publicados em 2017 nesse grupo, apenas 5 foram selecionados e 4 foram lidos integralmente, isso porque apenas 4 trabalhos abordavam sobre o tema de minha pesquisa um desses textos selecionados inicialmente tinha um título direcionado a nossa temática, porém não abordava assuntos que nos interessasse de fato.

Quadro 2. Textos selecionados no GT 07 na 38 reunião da ANPed em 2017.

GRUPO 07//	TRABALHOS	PALAVRAS CHAVES
1-AUTORES: Aline Helena Mafra-Rebelo – UFSC Márcia Buss- Simão - UNISUL Agência Financiadora: CAPES	Formas regulatórias na educação infantil: retratos a parte da perspectiva das crianças.	Educação infantil, formas regulatórias, perspectiva das crianças.
2-AUTORES: Flávia Maria de Menezes – UERJ Ligia Maria Motta Leão de Aquino – UERJ Agência Financiadora: PROCIÊNCIA- UERJ/FAPERJ	Onde estão as crianças da creche? Investigando a produção de conhecimento de uma creche universitária.	Creche Universitária. Criança. Produção de Conhecimento.
3-AUTORES: Andréa Simões Rivero - UFFS Eloísa AciresCandal Rocha – UFSC/UNOESC	O brincar e a constituição social das crianças em um contexto de educação infantil.	educação infantil, crianças, brincadeira, estudos sociais da infância.
4- AUTOR:Francine Costa de Bom – UNESC	O jogo protagonizado infantil como um ato artístico em sala de aula: uma abordagem vigotskiana.	Jogo protagonizado, Infância, Arte.

Fonte: Nathália Silva Floriano

GRUPO DE TRABALHO (GT-24) - Educação e Arte.

De 20 trabalhos publicados nesse grupo em 2017, apenas um foi selecionado e lido na íntegra.

Quadro 3 : Textos selecionados no GT 24 na 38 reunião da ANPed em 2017.

GRUPO/24	TRABALHO	PALAVRAS-
----------	----------	-----------

		CHAVE
1-AUTOR: Francisco Cleiton Alves - UFOB	Aprendizagens experiências sobre arte- educação nas escritas de si.	aprendizagem experiencial; arte- educação; escrita de si;

Fonte: Nathália Silva Floriano

39º REUNIÃO DA ANPED (2018)

GRUPOS DE TRABALHOS EM QUE FORAM FEITOS OS LEVANTAMENTOS:

GRUPO DE TRABALHO 07- EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS.

GRUPO DE TRABALHO 14-SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO.

GRUPO DE TRABALHO 24- EDUCAÇÃO E ARTE.

CRITÉRIO ESCOLHIDO PARA A SELEÇÃO DOS TEXTOS A SEREM LIDOS FOI: ABORDAR SOBRE BRINCADEIRAS E CRIANÇAS DE ACORDO COM A LEITURA DOS RESUMOS DOS TEXTOS CASO SE CONFIRMASSE O INTERESSE PARA A NOSSA PESQUISA, O TEXTO ERA SELECIONADO PARA UMA LEITURA INTEGRAL. NA ANPED ENTREI NO SITE VIRTUAL DA ASSOCIAÇÃO E FUI BUSCANDO NOS TÍTULOS SE ELES DESENVOLVIAM ESTUDOS SOBRE BRINCADEIRAS E CRIANÇAS E EDUCAÇÃO INFANTIL.

GRUPO DE TRABALHO (GT07)- Educação e crianças de 0 a 6 anos.

De 20 trabalhos publicados nesse grupo, apenas 8 foram selecionados a partir da leitura do título e 4 foram lidos na totalidade, isso porque dentre os 8 trabalhos que foram realizados a leitura de seus resumos, apenas 4 deles abordavam assuntos que de fato se relacionavam com meu projeto de pesquisa.

GRUPO /07	TRABALHOS	PALAVRAS- CHAVE
1- AUTORES: Rachel Martins ArenariRazuk - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes	Deixa eu abrir a janela: encontros e desencontros com a linguagem na creche.	Educação infantil, linguagem, docência, creche, bebês.
2-AUTORES: Andrize Ramires Costa - UFPel - Universidade Federal de Pelotas	Da alegria de brincar à pressão para render: as crianças e o controle do tempo dos adultos.	Brincar. Tempo. Educação Infantil.

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/PNPD código de financiamento 001		
3-AUTORES: Daniela de Oliveira Guimarães - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - FACULDADE DE EDUCAÇÃO Deise Arenhart - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro Núbia de Oliveira Santos - PUC- Rio	Docência na creche: intencionalidade pedagógica na rotina e no planejamento.	Docência na Creche; Rotina, Planejamento, Atenção.
4-AUTORES: Bárbara de Oliveira Gonçalves - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro Ligia Maria Motta Lima Leão de Aquino - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES	Vivemos para lutar, lutamos para viver...A participação das crianças sem terrinha na vida política da sociedade	Infâncias políticas. Crianças Sem Terrinha. Participação infantil.

GRUPO DE TRABALHO(GT14)- Sociologia da Educação- 2018.

De 23 trabalhos publicados nesse grupo, 5 foram selecionado para leitura e apenas um dentre esses foi na íntegra.

Quadro 5: Textos selecionados no GT14 na 38 reunião da ANPed em 2018.

GRUPO /14	TRABALHO	PALAVRA-
-----------	----------	----------

		CHAVE
1-AUTORES: Francisca Jocineide da Costa E Silva - UFPB - Universidade Federal da Paraíba Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES	Relações escola-família na construção das identidades de gênero na educação infantil.	Gênero. Educação Infantil. Relações escola-família.

Fonte: Nathália Silva Floriano

GRUPO 24- Educação e Arte.

Dentre 23 trabalhos publicados nesse grupo na 39 reunião da ANPed (2018) - 7 foram selecionados e apenas 1 texto foi lido na íntegra.

Quadro 6: Textos selecionados no GT 24 na 39 reunião da ANPed em 2018.

GRUPO/ 24	TRABALHO	PALAVRA-CHAVE
1-AUTORES: Thalyta Botelho Monteiro - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES	Experiências de crianças e o trabalho docente com animação no ensino da arte.	Ensino da Arte. Animação. Educação. Cinema de animação. Trabalho Docente.

Fonte: Nathália Silva Floriano

Apêndice 2

TABELA DE LEVANTAMENTO DE TESES DA CAPES

<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!>

PARA A REALIZAÇÃO DA ANÁLISE DAS TESES E DISSERTAÇÕES FORAM UTILIZADAS AS SEGUINTE PALAVRAS - CHAVE OU EXPRESSÕES- CHAVE PARA ESSA BUSCA : **BRINCADEIRAS INFANTIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E EDUCAÇÃO INFANTIL E BRINCADEIRAS.**

NA PLATAFORMA DA CAPES REFINEI A BUSCA SELECIONANDO O TIPO DE TRABALHOS NAS DISSERTAÇÃO DE MESTRADO E OS ANOS DE 2016, 2017 E 2018

O PROCEDIMENTO UTILIZADO PARA A SELEÇÃO DESSES TEXTOS, FOI PRIMEIRO ANALISAR O TÍTULO DO TRABALHO E SE EU O CONSIDERAVA RELACIONADO COM AS TEMÁTICAS DE INTERESSE, SEJA PORQUE MENCIONAVA AS PALAVRAS OU EXPRESSÕES DE INTERESSE SELECIONAVA-O PARA LEIR O RESUMO. CASO O RESUMO CONFIRMASSE A RELAÇÃO COM AS TEMÁTICAS DA BUSCA, EU LIA O SUMÁRIO E CONFIRMAVA ABORDAVAM BRINCADEIRAS , CRIANÇAS E EDUCAÇÃO INFANTIL,. CASO SE CONFIRMASSE A PERTINÊNCIA DO TRABALHO, EU SALVAVA TODO O TRABALHO PARA LÊ-LO NA ÍNTEGRA.

DE 135.560 RESULTADOS PARA OS TEMAS BRINCADEIRAS INFANTIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL,OU EDUCAÇÃO INFANTIL E BRINCADEIRAS, SELECIONEI 9 E 8. NÃO ANALISEI TODOS OS 9 TRABALHOS PORQUE UM DELES ESTE NÃO ABORDAVA DE FATO AS TEMÁTICAS QUE GOSTARIA DE ESTUDAR O PROXIMO PASSO SERÁ FAZER LEITURA INTEGRAL DESSES TRABALHOS.

QUADRO 1- BRINCADEIRAS INFANTIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL, TRABALHOS SELECIONADOS DA CAPES.

TÍTULO/ ANO/ AUTOR	PALAVRAS-CHAVE	TÓPICOS DE INTERESSE
1-Sete dias de brincadeiras -a criança e seu brincar na educação infantil. Ano: 28/05/2018 Jessica Dos Santos Palmeira.	Educação Infantil;Crianças;Brincar.	3- O BRINCAR. 4.0- REFLEXÕES SOBRE AS CRIANÇAS E O BRINCAR.

<p>2-Modos de brincar na educação infantil: O que dizem as crianças? Ano:03/02/2017 RafaelyKarolyne do Nascimento Campos.</p>	<p>Brincadeiras, Crianças, Educação Infantil.</p>	<p>2.2 CULTURAS DA INFÂNCIA: O BRINCAR EM UMA DIMENSÃO SOCIAL E CULTURAL. 3.3.4 A Rotina dos Sujeitos. 5.1 BRINCADEIRAS ENTRE AMIGOS: RELAÇÕES DE AMIZADE NA FORMAÇÃO DOS GRUPOS DE BRINCADEIRAS. 5.2 ESTRATÉGIAS DE PARTICIPAÇÃO NAS BRINCADEIRAS E FORMAS DE RESISTÊNCIA NOS GRUPOS DE PARES.</p>
<p>3-Processos sócio educativos e práticas escolares, o brincar e a criança- pistas para uma escola democrática na infância. Ano:31/03/2017 Mariana Guimaraes.</p>	<p>Brincadeira, Culturas Infantis, Escola Democrática, abordagem de cunho etnográfico.</p>	<p>2. ESTUDOS DA INFÂNCIA, CULTURA INFANTIL E O BRINCAR. 2.3- O brincar ao longo da história. 2.5- O brincar na Infância. 2.5.1- O brincar na escola. 4.BRINCADEIRAS E CULTURA INFANTIL: PISTAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ESCOLA DEMOCRÁTICA 4.2- O brincar em uma escola singular. 4.3.2- As crianças e o "PIO".</p>
<p>4-Educação Inclusiva: um olhar sobre a diversidade na educação Infantil. Ano:15/12/2017 Priscilla</p>	<p>Educação Infantil;EducaçãoInclusiva;Interações.</p>	<p>2.3.1- A criança da Educação Infantil . 3.4.2.1- Brincadeira.</p>

Wagner Sternberg.		
5- O brincar na educação infantil e o desenvolvimento integral da criança. Ano:03/10/2017 Patricia Maristela De Freitas Leal.	Brincar;EducaçãoInfantil;Desenvolvimento Integral da Criança.	2.0- Conceituação e histórico da brincadeira. 2.1- A brincadeira como fonte de sabedoria e história da civilização. 2.2- O conceito de brincar e sua relevância social. 2.3- Conceituação de brinquedo. 2.4- Conceito de jogo. 2.5- Conceito de brincadeira.
6-Brincadeiras musicais na educação infantil: desafios e possibilidades de uma educação musical centrada no brincar. Ano:04/11/2016 LuisaAndries Nogueira De Freitas.	Educação Infantil. Educação Musical. Brincadeiras musicais.	CAPÍTULO II – Sobre o brincar e as crianças. 2.2- A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. 2.4- Ensinando e aprendendo a brincar. CAPÍTULO III – SOBRE O BRINCAR E A MÚSICA. 3.1.1- O brincar - musical de bebês e crianças pequenas. 3.1.3-Brincadeiras educativas musicais.
7- No espaço-tempo da brincadeira no Programa Curumim SESC crianças e adultos, saberes e relação. Ano:19/02/2016 Gabriela Dias Sartori.	Brincar, Criança e Processos Educativos.	CAPÍTULO I- Diversos olhares e saberes nos ajudam a compreender e a dizer nesse Estudo. 1.2- Infâncias e crianças. 1.3- Brincando

<p>8-A influência do contexto escolar na maneira de brincar de criança na Educação Infantil. Ano:14/12/2016 Rita De Cassia Oliveira.</p>	<p>Crianças;Escola;Formação de Professores;Educação.</p>	<p>1.3- O brincar na idade pré-escolar. 1.3.1- O desenvolvimento da criatividade e imaginação. 4.1- O brincar e o professor mediador: A postura dos professores diante do brincar. 4.4- Brincadeiras e atitudes recorrentes.</p>
--	--	--

Fonte: Nathália Silva Floriano